



# Terra e Água Escolher sementes, invocar a Deusa

ESTUDOS EM HOMENAGEM  
A VICTOR S. GONÇALVES

Ana Catarina Sousa · António Carvalho · Catarina Viegas (eds.)

## estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ  
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)  
Workgroup on Ancient Peasant Societies (WAPS)  
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

9.  
SOUSA, A. C.; CARVALHO, A.; VIEGAS, C., eds. (2016) – *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. estudos & memórias 9. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 624 p.

Capa: desenho geral e fotos de Victor S. Gonçalves.  
Face: representação sobre cerâmica da Deusa com Olhos de Sol, reunindo, o que é muito raro, todos os atributos da face – sobancelhas, Olhos de Sol, nariz com representação das narinas, «tatuagens» faciais, boca e queixo. Sala n.º 1, Pedrógão do Alentejo, meados do 3.º milénio. Altura real: 66,81 mm.  
Verso: Cegonhas, no Pinhal da Poupa, perto da entrada para o Barrocal das Freiras, Montemor-o-Novo (para além de várias metáforas, uma pequena homenagem a Tim Burton...).

Paginação e Artes finais: TVM designers  
Impressão: AGIR, Produções Gráficas  
300 exemplares + 100 com capa dura, numerados.

Brochado: ISBN: 978-989-99146-2-9 / Depósito Legal: 409 414/16  
Capa dura: ISBN: 978-989-99146-3-6 / Depósito Legal: 409 415/16

Copyright ©, 2016, os autores.  
*Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.*

Lisboa, 2016.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Volumes anteriores de esta série:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: Uniarch/INIC. 321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. Estudos e Memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/ INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos e Memórias 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Estudos e Memórias 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M., ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M. ed., (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, Estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015) – *5.º Congresso do Neolítico Peninsular. Actas*. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL. 661 p.

## ÍNDICE

<b>APRESENTAÇÃO</b>	11
ANA CATARINA SOUSA ANTÓNIO CARVALHO CATARINA VIEGAS	
<b>VICTOR S. GONÇALVES E A FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA</b>	15
PAULO FARMHOUSE ALBERTO	
<b>TEXTOS EM HOMENAGEM</b>	
Da Serra da Neve a Ponta Negra em busca do Munhino I	21
ANA PAULA TAVARES	
Reconstruir a paisagem	27
ANTÓNIO ALFARROBA	
O «ciclo de Cascais». Victor S. Gonçalves e a arqueologia cascalense	33
ANTÓNIO CARVALHO	
Os altares dos «primeiros povoadores da Lusitânia»: visões do Megalitismo ocidental	45
CARLOS FABIÃO	

Báculos e placas de xisto: os primórdios da sua investigação JOÃO LUÍS CARDOSO	69
Optimismo, pessimismo e «mínimo vital» em arqueologia pré-histórica, seguido de foco em terras de (Mon)Xaraz LUÍS RAPOSO	81
O Neolítico Antigo de Vale da Mata (Cambelas, Torres Vedras) JOÃO ZILHÃO	97
No caminho das pedras: o povoado «megalítico» das Murteiras (Évora) MANUEL CALADO	113
As placas votivas da «Anta Grande» da Ordem (Maranhão, Avis): um marco na historiografia do estudo das placas de xisto gravadas do Sudoeste peninsular MARCO ANTÓNIO ANDRADE	125
O Menir do Patalou – Nisa. Entre contextos e cronologias JORGE DE OLIVEIRA	149
Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano LEONOR ROCHA	167
Os produtos ideológicos «oculados» do Terceiro milénio a.n.e de Alcalar (Algarve, Portugal) ELENA MORÁN	179
Gestos do simbólico II – Recipientes fragmentados em conexão nos povoados do 4.º/ 3.º milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo) RUI MATALOTO · CATARINA COSTEIRA	189
Megalitismo e Metalurgia. Os <i>Tholoi</i> do Centro e Sul de Portugal ANA CATARINA SOUSA	209
A comunicação sobre o 3.º Milénio a.n.e. nos museus do Algarve RUI PARREIRA	243
Informação intelectual – Informação genética – Sobre questões da tipologia e o método tipológico MICHAEL KUNST	257
Perscrutando espólios antigos: o espólio antropológico do <i>tholos</i> de Aqualva RUI BOAVENTURA · ANA MARIA SILVA · MARIA TERESA FERREIRA	293
El Campaniforme Tardío en el Valle del Guadalquivir: una interpretación sin cerrar J. C. MARTÍN DE LA CRUZ · J. M. GARRIDO ANGUITA	309

Innovación y tradición en la Prehistoria Reciente del Sudeste de la Península Ibérica y la Alta Andalucía (c. 5500-2000 Cal a.C.) FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ · JUAN ANTONIO CÁMARA SERANO JOSÉ ANDRÉS AFONSO MARRERO · LILIANA SPANEDDA	317
A Evolução da Metalurgia durante a Pré-História no Sudoeste Português ANTÓNIO M. MONGE SOARES · PEDRO VALÉRIO	341
Bronze Médio do Sudoeste. Indicadores de Complexidade Social JOAQUINA SOARES · CARLOS TAVARES DA SILVA	359
Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa ELISA DE SOUSA	387
À vol d'oiseau. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal ANA MARGARIDA ARRUDA	403
Entre Lusitanos e Vetões. Algumas questões histórico-epigráficas em torno de um território de fronteira AMILCAR GUERRA	425
O sítio romano da Comenda: novos dados da campanha de 1977 CATARINA VIEGAS	439
A Torre de Hércules e as emissões monetárias de D. Fernando I de Portugal na Corunha RUI M. S. CENTENO	467
Paletas Egípcias Pré-Dinásticas em Portugal LUÍS MANUEL DE ARAÚJO	481
<b>À MANEIRA DE UM CURRICULUM VITAE, SEGUIDO POR UM ENSAIO DE FOTOBIOGRAFIA</b>	489
Victor S. Gonçalves (1946- ). À maneira de um <i>curriculum vitæ</i>	491
Legendas e curtos textos a propósito das imagens do Album Fotobiografia	549 558
<b>LIVRO DE CUMPRIMENTOS</b>	619
<b>ÚLTIMA PÁGINA</b>	623

# PERCORRENDO ANTIGOS [E RECENTES] TRILHOS DO MEGALITISMO ALENTEJANO

LEONOR ROCHA<sup>1</sup>

---

## RESUMO

Os trabalhos de escavação arqueológica realizados nas últimas duas décadas pela signatária e o estudo de trabalhos antigos permitiu-nos perceber que os monumentos megalíticos funerários, uma vez construídos puderam, nalguns casos, possuir uma longa diacronia de reutilizações. Apresenta-se aqui uma breve síntese de monumentos, situações e espólios.

## ABSTRACT

The archaeological excavation carried out in the last two decades by the author, as well as the study of data resulting from early works, allows us to understand that the megalithic monuments after being built have, in some cases, a long diachronic of reuses. Here is presented a brief summary of monuments, contexts and archaeological artefacts.

---

## 1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão procede dos inúmeros projetos de investigação que tenho desenvolvido, ao longo das últimas décadas (desde 1993), no Alentejo (Mapa 1). Estes incidiram, fundamentalmente, no estudo do megalitismo funerário, seja através da escavação de monumentos funerários, seja na reanálise dos dados provenientes de trabalhos desenvolvidos anteriormente por outros investigadores, como sejam Vergílio Correia (Correia, 1921) ou Manuel Heleno (Rocha, 2005).

O megalitismo funerário alentejano padece de vários problemas derivados essencialmente do conjunto (significativo) de monumentos escavados na primeira metade do século xx. Vergílio

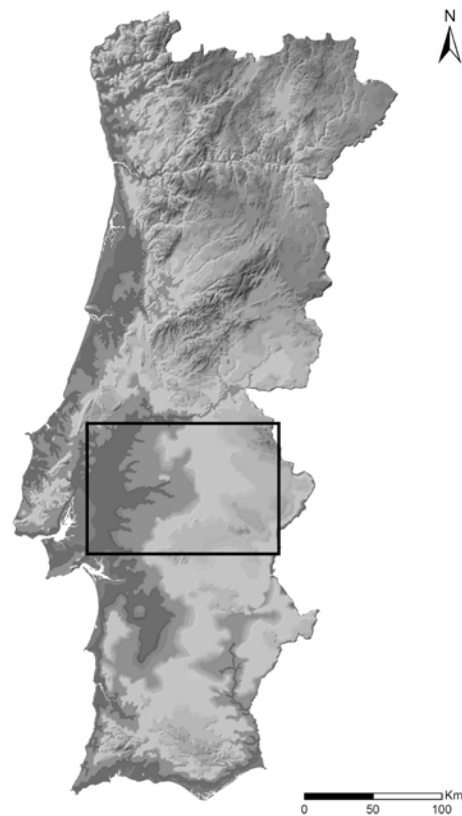
---

<sup>1</sup> CHAIA / Universidade de Évora  
lrocha@uevora.pt

Correia publicou os seus trabalhos sobre o megalitismo de Pavia, em Espanha. Não obstante a enorme importância do seu trabalho, a sua análise deu pouca relevância ao estudo do espólio na sua relação com a arquitetura dos monumentos, fundamental para compreender eventuais diacronias de utilização e reutilização (Correia, 1921).

Manuel Heleno, pese embora o facto de não ter publicado as suas intervenções, refere (e comenta), nos seus Cadernos de Campo, evidências de reutilizações nos monumentos que escavou, quer a nível dos espólios quer das próprias arquiteturas, procurando compreender as suas sequências de utilização (Rocha, 2005).

Também nos trabalhos que realizei, excluindo os monumentos que devido ao seu mau estado de conservação não se pôde obter dados conclusivos, pude verificar a existência de materiais e alterações estruturais que comprovam usos reiterados do espaço sepulcral inicial, tal como tinha sido identificado por outros investigadores, nomeadamente o Prof. Victor Gonçalves, em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1999).



MAPA 1. Indicação da área em estudo.

## 2. MONUMENTOS: ARQUITETURAS E ESPÓLIOS VERSUS CRONOLOGIAS

Numa abordagem às arquiteturas dos monumentos megalíticos devemos, em primeiro lugar, entender que a sua biografia não se esgota na sua construção e utilização original. Como referem Jean-Pierre Mohen e Chris Scarre «*cada sepultura possui a sua própria história. Esta história decomõe-se em três etapas. A função original, tal como foi planificada pelos construtores (.../...) por vezes impossível de apreender. As utilizações posteriores misturam os traços da primeira ocupação (.../...) a escavação constitui a última etapa*» (Mohen e Scarre, 2002, p. 142).

Os dados compilados no decurso dos meus trabalhos, testemunham diferentes momentos da vida destes monumentos, resultante da «atração» que os mesmos exerceram sobre as populações que foram habitando estes espaços ao longo dos tempos. Esta traduz-se, frequentemente na sua reutilização, a qual se pode expressar em duas situações distintas; (i) a nova ocupação do espaço respeita as anteriores tumulações anteriores ou (ii) a nova utilização vandaliza e destrói completamente os enterramentos anteriores. A primeira situação aparece ser a mais frequente até à Idade do Ferro, a segunda generaliza-se a partir do período Romano.

Neste contexto, aparentemente, as pequenas sepulturas são aquelas que menos alterações sofreram. As antas de corredor, por outro lado, apresentam uma maior variabilidade de afetações, seja pela destruição de partes dos monumentos, seja pela sua reutilização/remodelação, com a construção de nichos, compartimentos, estruturas anexas, entre outras, como exemplifica a anta do Olival da Pega 2, (Gonçalves, 1999), em Reguengos de Monsaraz (Fig. 1). Os dados compilados nos Cadernos de Campo de Manuel Heleno (Rocha, 2005) indiciam que estas alterações surgem muito cedo, possivelmente logo no Calcolítico (Tabela 1).

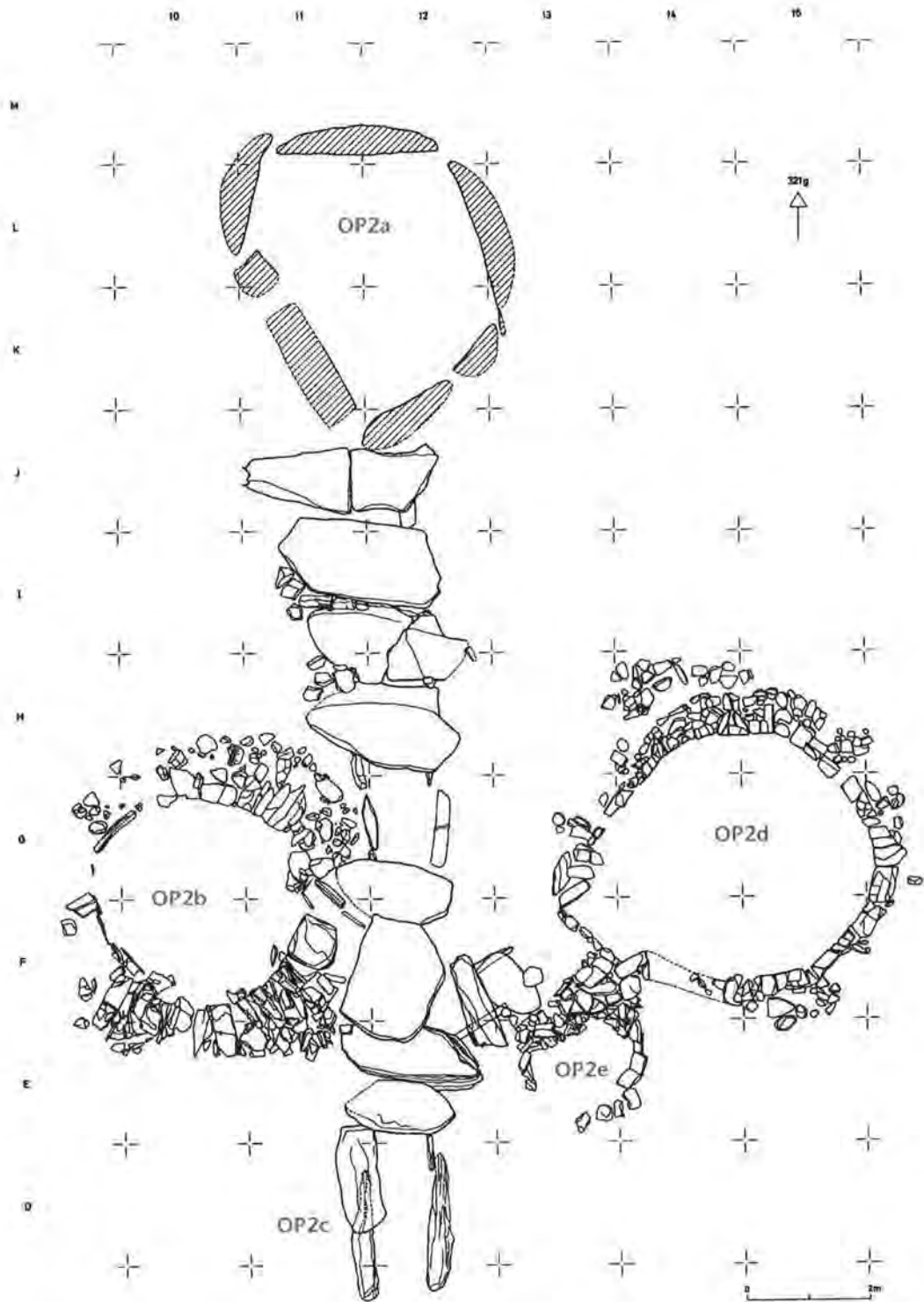


FIG. 1. Planta da anta de Olival da Pega 2 (Reguengos de Monsaraz) e monumentos anexas. (Sgd. Gonçalves, 1999).



**TABELA 1. MONUMENTOS COM OUTRAS ESTRUTURAS ANEXAS, SEGUNDO M. HELENO (ROCHA, 2005)**

SÍTIO	TIPO	LOCALIZAÇÃO	CRONOLOGIA
Anta Grande da Comenda da Igreja	Nicho (resguardado por 2 esteios)	Corredor – junto entrada da câmara	Neo-calcolítico
Anta A do Paço	Caixas (cistas?)	Mamoia, dos dois lados do corredor	Neo-calcolítico
	Nichos/ sepulturas	Corredor/ Mamoia	
Anta do Tanque Velho	Nicho (formado por 3 pedras)	Corredor	Neo-calcolítico
Anta do Curral da Mosca	Nicho (exterior, junto esteios de cabeceira)	Câmara	Neo-calcolítico
Anta do Cabeço da Areia	Nicho (formado por 3 pedras, junto esteio cabeceira)	Câmara	Neo-calcolítico
Anta 3 das Casas de Baixo	Sepultura	Mamoia – lado Este, sequência da anta	Visigótica
Anta 1 de Bertandos	Nichos (1 construído com a colocação de uma pedra perpendicular ao esteio)	Câmara e Corredor	Neo-calcolítico
Anta do Monte das Pedras	Sepultura (construída com tijolos)	Corredor (entrada)	Romano
Anta 2 de Batepé	Nicho	Corredor	Neo-calcolítico
Anta 1 do Barrocal	Nicho	Câmara	Neo-calcolítico
Anta 3 do Barrocal	Nicho	Corredor	Neo-calcolítico
Anta 2 Amendoeira	Nicho	Corredor	Neo-calcolítico
Anta 7 do Deserto	Nicho	Câmara	Neo-calcolítico
Anta da Lebre	Nicho (com pedra colocada a fazer ângulo reto com o esteio de cabeceira)	Câmara	Neo-calcolítico
Anta 2 dos Oiteirões	Nicho (com pedra com covinhas, pintadas, a partir do esteio de cabeceira, formando ângulo reto)	(?)	Neo-calcolítico

Em relação aos espólios, Manuel Heleno escreveu nos seus Cadernos de Campo apontamentos e descrições curiosas sobre alguns materiais recolhidos no interior das antas que escavou. Embora alguns sejam referências bastante ambíguas, como por exemplo «*fragmento de cerâmica, com um mamilo estreito e comprido*» (Rocha, 2005, vol. 2, p. 19) ou «*há um caco com estrias. Antigo ou moderno?*» (*Idem, Ibidem*, p. 25), temos noutros casos, anotações muito precisas que comprovam as reutilizações posteriores dos monumentos (Tabela 2).

**TABELA 2. MONUMENTOS COM ESPÓLIOS DE CRONOLOGIAS POSTERIORES, SEGUNDO M. HELENO (ROCHA, 2005)**

SÍTIO	TIPO	LOCALIZAÇÃO	CRONOLOGIA
Anta A do Paço	Ceilil	Corredor	Romano/ Moderno
	Cerâmica grosseira		
	Vaso com asa	Corredor	Idade do Ferro/ Romano
Anta da Velada	Punhal metal (ferro)	Câmara	
	Moeda de 5 reis de D. Carlos – 1891	Câmara	Contemporâneo
Anta do Chapelar	Vaso de fundo plano	Corredor	(?)
	Cerâmica grossa d e potes; mó	Mamoá	Romano ou posterior
Anta do Arneiro dos Pinhais	Cerâmica; Vidro; ânfora; 6 moedas	(?)	Romano
Anta do Vale do Cordeiro	Metal (cobre?)	Câmara	(?)
Anta do Monte de Cima	Ponta de seta em cobre	Câmara	(?)
Anta 3 Casas de Baixo	Bilha com asas e bico perpendiculares; uma fibula; um botão	Sepultura	Visigótica
Anta 2 Lobeira de Cima	Cerâmica	(?)	Romano
Anta 2 do Varela	Cerâmica; <i>Tegulae</i>	(?)	Romano
Anta do Curral da Antinha	Metal	(?)	Calcolítico/Bronze (?)
Anta1 do Garcia	Metal	Câmara	Calcolítico/Bronze (?)
Anta 2 de Batepé	Fivela de cobre	Mamoá	Calcolítico/Bronze (?)
	Ponta de seta de cobre	Corredor	
	Argola de cobre	Câmara	
Anta 2 da Repreza	Argola decorada	Câmara	Moderna?
Anta 2 do Vidigal	Argola de cobre	(?)	Calcolítico/Bronze (?)
	Ponta de cobre	(?)	
Anta 2 do Peral	Cerâmica	Câmara	Romano
Anta 6 do Vidigal	Fragmento de cobre e um de ferro	Câmara	Calcolítico/Bronze (?)
Anta 5 de Brissos	Cerâmica	(?)	Romano
Anta 1 da Mata	Ceilil	(?)	Moderno
Anta 1 das Águias	Metal decorado	Câmara	Calcolítico/Bronze (?)
	Fragmento de cobre		
Anta 2 dos Gualões	Objeto circular de metal (colar?)	Câmara	Calcolítico/Bronze (?)
Anta 3 dos Gualões	Argola de cobre	Câmara	Calcolítico/Bronze (?)
Anta da Fuletreira	Ponta de seta em cobre	Câmara	Calcolítico/Bronze (?)
	Moeda romana	Câmara	Romano/Império
Anta de N.ª S.ª Conceição dos Olivais	Vasos de cerâmica	Corredor	Campaniforme
	Moeda D. João II	Câmara	Moderno
Anta 2 das Picanceiras	Moeda; fragmentos de ferro	(?)	Romano
Anta da Serrinha	Moedas (2) – ceilil	(?)	Moderno

Para além dos materiais claramente extemporâneos em relação à sua cronologia inicial, M. Heleno aporta ainda importantes informações para a compreensão da utilização destes monumentos, ao referir, por exemplo, a presença de conjuntos de espólios na mamoa de algumas antas, mais ou menos estruturados (alguns em «caixas»), aparentemente votivos (machados, pontas de seta), como é o caso da anta A do Paço, em Montemor-o-Novo (Rocha, 2005). Este tipo de achados, apesar de pouco conhecido no Alentejo (talvez por ausência de intervenções mais sistemáticas nas estruturas tumulares) tem alguns paralelos em Espanha (García-Sanjuán, 2007).

Os dados existentes quer através de datações absolutas (García Sanjuán, 2005; Oliveira, 1997; Rocha, 2005) quer através da análise dos espólios recolhidos (Leisner e Leisner, 1951, 1955, 1956, 1959; Mataloto, 2007; Rocha, 1999; 2005; 2009/2010; 2015a; Rocha e Alvim, 2015; Santos e Rocha, 2015) permitem perceber que muitos monumentos megalíticos continuaram a ser utilizados no decurso da Proto-história, para a prática de rituais funerários.

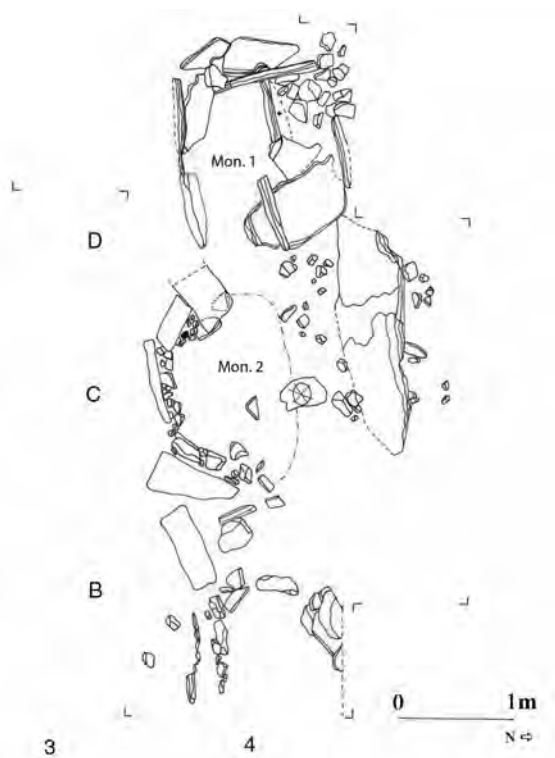
Como referi anteriormente, nos trabalhos que tenho vindo a realizar nas últimas décadas identifiquei diferentes situações que traduziam desde as simples reutilizações (ou utilizações prolongadas) do monumento até à total violação e destruição dos contextos sepulcrais.

A anta do Pequito Velho 2, em Mora, é um dos bons exemplos de uma longa diacronia de utilização. Apesar de ter sido derrubada em meados do século xx, pela abertura de uma estrada de acesso ao Monte, tratar-se-ia de um monumento de pequenas dimensões, atendendo à dimensão dos esteios amontoados no local. Irremediavelmente perdida a informação científica, quis o acaso que recentemente fosse doado o espólio recolhido ao MNA que o ofereceu ao novo Museu de Megalitismo de Mora. Apesar de ainda se encontrar em estudo, trata-se de um conjunto excecional (Fig. 2), inédito neste concelho, que atesta a existência de pelo menos quatro momentos de utilização e reutilização deste espaço sepulcral: dois no decurso da Pré-história Recente (um Neolítico médio e outro Neo-Calcolítico), outro da Idade do Bronze e, por último, um do período visigótico (Rocha, no prelo).



**FIG. 2.** Parte do espólio recolhido na anta do Pequito Velho 2 (Mora).

**FIG. 3.** Planta dos dois sepulcros de Lucas 6 (Alandroal).





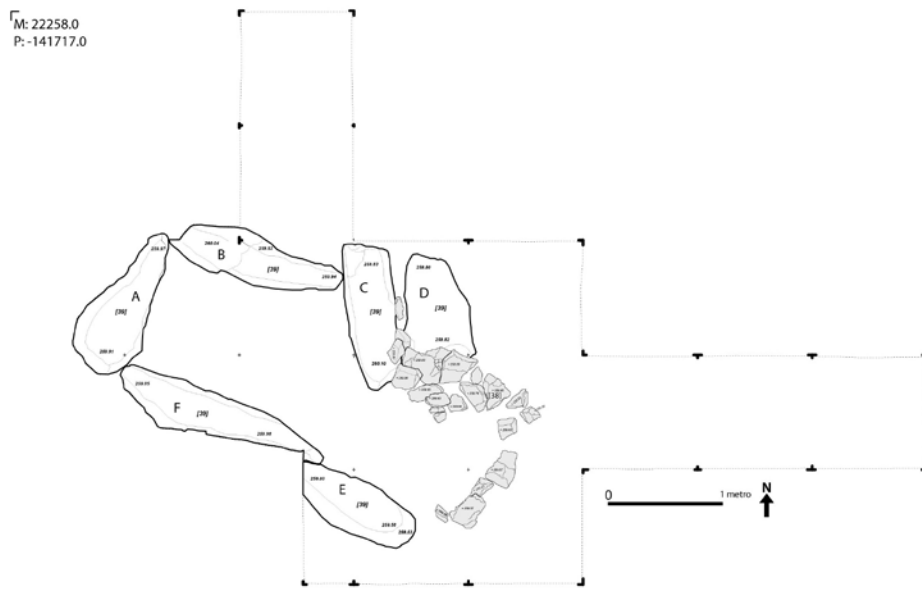
**FIG. 4.** Vista geral da sepultura do Monte dos Condes (Mora), com o nicho na câmara.

A anta do Lucas 6, no Alandroal (Fig. 3), apresenta uma biografia complexa. Com duas estruturas funerárias anexas (sepultura e anta de corredor curto), construídas e utilizadas em distintas fases, comporta, ainda, uma fase de violação na Idade Média, documentada pelas datações realizadas a partir de carvões recolhidos no seu interior (Rocha, 2007).

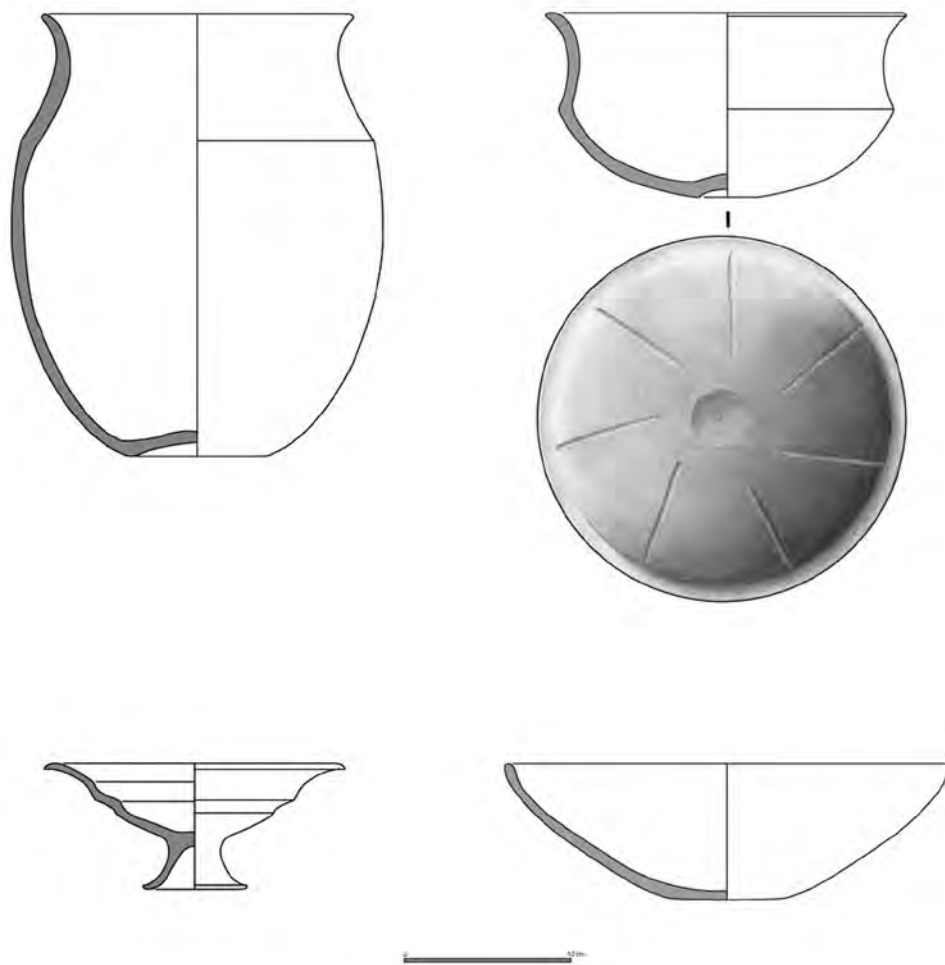
A mamoa do Monte dos Condes, em Mora, é outro testemunho que comprova a utilização intemporal destes monumentos. Apresentando-se inicialmente totalmente coberta pela mamoa, continha uma sepultura de planta em ferradura alongada. No decurso da intervenção realizada foi possível verificar que junto à cabeceira, do lado sul, se encontrava uma laje – aparentemente uma tampa da câmara – colocada transversalmente, formando um pequeno nicho triangular (Fig. 4). O espólio recolhido comprova a sua utilização em dois momentos distintos: um dentro do Neolítico e outro na Idade do Bronze. No entanto, esta remodelação não implicou destruição dos contextos arqueológicos precedentes (Rocha e Alvim, 2015).

Na sepultura das Hortinhas 1, em Évora, identificou-se uma situação similar (Fig. 5), registando-se a existência de algumas remodelações na arquitetura, à entrada do monumento (Rocha, 2015a) para se realizar a inumação da Idade do Ferro. Nesta área foi construída uma estrutura de proteção, realizada com blocos de pedra de dimensão média que fechava, em arco, o espaço da entrada do monumento, encostando a dois esteios. Nesta área encontravam-se depositadas uma urna e duas taças (Fig. 6 e 7).

Na realidade, em muitos casos, as reutilizações e/ou violações relativas à Idade do Ferro ainda se encontram pouco definidas. Por vezes, a presença de cerâmica de roda, pouco expressiva, não nos permite atribuir cronologias muito específicas, como é o caso da Anta do Monte das Figueiras, em Mora (Rocha, 2012); noutros monumentos, a existência de materiais mais «nobres», como elementos de metal, vidro ou objetos de adorno (contas de colar de pasta vítrea) possibilita-nos balizar melhor



**FIG. 5.** Planta da sepultura das Hortinhas 1 (Évora) com indicação das remodelações da Idade do Ferro.



**FIG. 6-7.** Taças e urna da Idade do Ferro recolhida sepultura das Hortinhas 1 (Évora) (Rocha, 2015a).

estas utilizações, como é o caso da anta da Serrinha, em Monforte (Rocha e Morgado, 2015) cujo espólio recolhido permite apontar com segurança para uma reutilização na I Idade do Ferro. Uma terceira situação remete-nos para monumentos muito destruídos, sem espólios cronologicamente associáveis, mas cujas datações de C<sup>14</sup> nos atestam a presença de enterramentos deste período, como a anta da Tapada do Castelo, em Marvão (Rocha, 2016).

A anta da Murteira de Cima, em Évora, apresenta uma violação na câmara e alguns esteios truncados (destruições efetuadas em data incerta). A par destas, no lado Norte da mamoa existe uma estrutura quadrangular (cerca de 2 m<sup>2</sup>), feita com lajes em cutelo, que poderá corresponder a uma construção funerária de cronologia romana, atendendo à presença de cerâmica comum e *imbrices* (Rocha, 2015a). Na área envolvente existem materiais romanos dispersos.

Ocupações medievais e posteriores também estão registadas em vários monumentos megalíticos funerários alentejanos (Gonçalves *et al*, 1983-1984; Oliveira, 1998, 2006).

À semelhança do que ocorre no período romano estas ocupações, funerárias ou habitacionais (abrigo) implicaram a destruição (e remoção) dos níveis arqueológicos anteriores e, frequentemente, danos na própria estrutura do monumento. Testemunham esta afirmação os dados recolhidos nas antas da Horta, da Soalheira, (Oliveira, 2006), a do Couto dos Algarves 2 (Rocha, 2002), a das Águias 2 (Rocha e Alvim, 2012) e a do Lucas 6 (Rocha, 2007) onde surgem marcas de cunhas em esteios fragmentados, alguns caídos no interior da câmara, diretamente sobre o afloramento. O espólio pré-histórico, quando subsiste, aparece maioritariamente disperso na área da mamoa.

### 3. OPORTUNISMO OU SIMBOLISMO?

Este artigo consistiu fundamentalmente numa análise dos contributos de Vergílio Correia e Manuel Heleno (Rocha, 1997, 2005) complementado com os resultados obtidos através de um programa de escavações sistemáticas que tenho vindo a realizar no Alentejo. Esta revela-nos que os monumentos megalíticos para além de se terem tornado marcas indeléveis nas paisagens alentejanas, continuaram a ser vivenciados pelas populações antigas, das mais variadas formas.

A questão da reutilização e/ou violação de monumentos megalíticos (funerários e não funerários) teve durante muito tempo, pouca visibilidade na bibliografia arqueológica portuguesa. De facto, a grande maioria das publicações antigas regista apenas os espólios representativos das ocupações primárias deste tipo de monumentos, deixando por publicar os elementos dissonantes. Nas últimas décadas esta situação tem vindo tendencialmente a inverter-se com a aplicação de novas metodologias científicas que privilegiam a publicação de todos os dados recolhidos nos trabalhos de campo, e valorizam as reanálises dos espólios e das documentações provenientes de escavações antigas (Gonçalves, 1992, 1999, 2003; Mataloto, 2005, 2006, 2007; Mataloto *et al*, 2015; Oliveira, 1993, 1998, 2006; Oliveira e Oliveira, 2000; Rocha, 2005, 2007, 2009/2010, 2012; 2015a; 2015b; Rocha e Alvim, 2015; Santos e Rocha, 2015).

Embora não disponhamos de dados cronológicos definitivos – nem de elementos que permitam datações absolutas – os espólios e as alterações realizadas a nível das arquiteturas funerárias apontam para utilizações frequentes destes espaços, em momento posterior ao *terminus* da sua ocupação primária. As pequenas sepulturas de planta em ferradura ou antas de corredor incipiente possuem reutilizações, sobretudo, no espaço interior, como a mamoa do Monte dos Condes, Hortinhas 1 ou Couto dos Algarves 2. Nos grandes monumentos funerários pelo contrário, o espaço preferencial parecem ser as mamoas ou as áreas de entrada do corredor, com ou sem transformações das arquiteturas primitivas – os melhores exemplos destas complexidades estão representadas nas antas do Paço, Olival da Pega 2, Grande da Comenda da Igreja ou mesmo a da Murteira. De facto,

independentemente de se poderem estar a construir outros tipos de monumentos (hipogeus e *tholoi*), até à Idade do Bronze continua-se a utilizar regularmente o espaço sepulcral dos monumentos construídos anteriormente – antas (de todos os tipos) e as sepulturas proto megalíticas. Este fenómeno não é local, nem sequer regional...ele encontra-se testemunhado um pouco por toda a P. Ibérica (García Sanjuán, 2005; García Sanjuán *et al*, 2007)

A questão central parece ser, no entanto, o que motivou esta ação...oportunismo ou simbolismo? No primeiro caso, seria uma mera questão de aproveitar um espaço que se reconhece como sepulcral para enterrar um indivíduo que, por exemplo, morre de repente. Simples gestão de recursos... O segundo caso, tem implícita a ideia da existência de um espaço sagrado, que se continua a respeitar e venerar durante um largo período de tempo, até à Proto-história. Este ciclo quebra-se nitidamente a partir do período Romano, altura em que se passa para o período do oportunismo mas em que para se reutilizar se acaba por remover/destruir o preexistente.

A sobrevivência de arquiteturas megalíticas de diferentes tipos, em diferentes cronologias pode na realidade ser analisada sobre distintas perspetivas, desde a imitação ou evocação de elementos antigos (García Sanjuán, 2007) até à própria manutenção de elementos antigos em épocas posteriores (Rocha, 2005). Uma hipótese não invalida a outra, mas a compreensão do polimorfismo do megalitismo alentejano passa por uma leitura atenta de todas as realidades e apenas o registo sistemático de todos os espólios e alterações estruturais nos poderá ajudar a interpretar estas situações.

## BIBLIOGRAFIA

- García Sanjuán, L. (2005) – Las piedras de la memoria. La permanencia del megalitismo en el Suroeste de la Península Ibérica durante el II y I milénios a.n.e. *Trabajos de Prehistoria*. 62.1. p. 85-109.
- García Sanjuán, L; Garrido González, P; Lozano Gómez, F. (2007) - Las piedras de la memoria (II). El uso en época romana de espacios y monumentos sagrados prehistóricos del Sur de la Península Ibérica. *Complutum*. 18 (December 2007), Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- Gonçalves, V. S. (2003) – *Sítios, «horizontes» e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. 2.ª edição. Cascais: Câmara Municipal.
- Gonçalves, V.S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa.
- Gonçalves, V. S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- Gonçalves, V. S; Treinen-Claustre, F; Arruda, A, Zammit, J. (1983-1984) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato). *Campanha 2 (21). Clío/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 225-227.
- Leisner, G.; Leisner, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed. 1985).
- Leisner, G.; Leisner, V. (1955) – *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança; Instituto para a Alta Cultura.
- Leisner, G.; Leisner, V. (1956) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen (1)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Leisner, G.; Leisner, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Mataloto, R; Boaventura, R; Nukushina, D; Valério, P; Inverno, J; Soares, R; Rodrigues, M; Beija, F. (2015) – O sepulcro megalítico dos Godinhos (Freixo, Redondo): usos e significados no âmbito do Megalitismo alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, p. 55-79.
- Mataloto, R. (2007) – Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, p. 123-140.
- Mataloto, R. (2006) – Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, p. 83-108
- Mataloto, R. (2005) – A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2. p. 115-128.
- Mohen, J.-P; Scarre, C. (2002) – Les tumulus de Bougon. Complexe mégalithique du V<sup>e</sup> au III<sup>e</sup> millénaire. Paris: Editions Errance.

- Oliveira, J. (2006) – *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Edições Colibri.
- Oliveira, J. (1993) – Reutilização e reaproveitamento de materiais em sepulturas megalíticas do Nordeste Alentejano. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: [s.n.]. I, p. 131-137.
- Oliveira, J. (1998) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Ed. Colibri.
- Oliveira, J.; Oliveira, C. D. (2000) – Continuidade e rupturas do megalitismo no distrito de Portalegre. *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 3, p. 459-471.
- Rocha, L. (2016) – *Anta da Tapada do Castelo (Santo António das Areias, Marvão)*. 2.ª Campanha de Escavação/ 2015. Relatório Técnico-científico Final. PIPA – Arqueologia Rural do Sever II – Arus II. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- Rocha, L. (2015a) – The Funerary Megalithic of Herdade das Murteiras (Évora, Portugal): the (re) use of the spaces. *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology, 29<sup>th</sup> April – 1<sup>st</sup> May 2013*. Edited by Leonor Rocha, Primitiva Bueno-Ramirez and Gertrudes Branco. BAR International Series 2708, p. 221-230.
- Rocha, L. (2015b) – Anta Grande do Zambujeiro: contributo para o conhecimento das cerâmicas. *II Congresso de arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. CHAIA: Évora, p. 42-51.
- Rocha, L.; Alvim, P. (2015) – Novas e velhas análises da arquitectura megalítica funerária: o caso da Mamoa do Monte dos Condes (Pavia, Mora). *Estudos & Memórias. Atas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Vol. 8. Lisboa. p. 557-563.
- Rocha, L.; Santos, I. (2015a) – O Neolítico do concelho de Arraiolos: um ponto da situação. *Estudos & Memórias. Atas do 5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Vol. 8. Lisboa, p. 369-377.
- Rocha, L. (2014) – The contribution of Manuel Heleno to the knowledge of the funerary Megalithic in Alentejo. *Rendering Death: Ideological and Archaeological Narratives from Recent Prehistory (Iberia)*. BAR S2648. Edited by Ana Cruz, Enrique Cerrillo- Cuenca, Primitiva Bueno Ramirez, João Carlos Caninas and Carlos Batata. Oxford, p. 13-22.
- Rocha, L. (2012) – Anta do Monte das Figueiras. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora, p.119-120.
- Rocha, L. (2009/2010) – As origens do megalitismo funerário alentejano. Revisitando Manuel Heleno. *Promontoria*. Universidade do Algarve, p. 45-98.
- Rocha, L. (2009) – A anta de Santiago Maior (Alandroal): a recuperação de um monumento destruído. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 12. N.º 1. Lisboa: IGESPAR, p. 35-52.
- Rocha, L. (2007) – O monumento megalítico do Lucas 6 (Hortinhas, Alandroal): um contributo para o estudo das arquitecturas megalíticas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 10. N.º 1. Lisboa: IPA, p. 73-94.
- Rocha, L. (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.
- Rocha, L. (2002) – A anta do Couto dos Algarves 2 (Crato). *O Arqueólogo Português*. 20. Série IV. Lisboa: MNA, p. 39-60.
- Rocha, L. (1999) – Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 2. N.º 1. Lisboa: IPA, p. 71-94.
- Rocha, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- Rocha, L.; Alvim, P. (2015) – Novas e velhas análises da arquitectura megalítica funerária: o caso da Mamoa do Monte dos Condes (Pavia, Mora). *5.º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa. p. 521-527.
- Rocha, L.; Alvim, P. (2012) – Águias 2 (Brotas, Mora). Relatório final. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- Rocha, L.; Calado, M. (2006) – *Megalitismo de Mora: nas fronteiras do Alentejo Central*, Lisboa: Apenas Livros, Lda.
- Rocha, L.; Morgado, P. (2015) – Anta da Serrinha (Monforte). 1.ª Campanha. Relatório Técnico-científico de Progresso. PIPA – Levantamento Arqueológico e Arquitetónico de Monforte II – LEVAM II. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- Santos, I.; Rocha, L.; (2015) – Contributo para o conhecimento da Anta Grande do Zambujeiro (Évora, Portugal): as pontas de seta. *II Congresso de Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. CHAIA: Évora, p. 34-41.